

# A dissecação da personalidade psíquica

## *Comentários sobre*

### *A dissecação da personalidade psíquica*

(Conferência número XXXI das Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise, volume XXII das Obras Completas de Sigmund Freud).

A segunda tópica (id, ego, superego) ou (isso, eu, supereu), não revoga (não substitui) a primeira (inconsciente, pré-consciente, consciência), mas a complementa.

Desse ponto de vista, a relação entre as duas tópicas (teorias da divisão psíquica) é oposta à relação entre as duas teorias da ansiedade e as duas teorias das pulsões, em que a segunda substitui a primeira.

A elaboração da segunda tópica deve-se fundamentalmente a duas razões:

- a) a elaboração de uma teoria da personalidade a partir do enfoque psicanalítico, cada vez mais necessária à medida que a psicanálise se desenvolve e
- b) a compreensão do mecanismo do recalque.

O recalque:

De acordo com a primeira tópica, o recalque seria um processo consciente, já que consistiria na “expulsão” de representações pertencentes ao campo da consciência para o inconsciente. O motivo do recalque seria a incompatibilidade de certas representações com os valores conscientemente professados, que levam a excluir de nosso conhecimento certas características consideradas inaceitáveis. A manutenção de uma auto-imagem positiva como que exigiria esse expurgo de representações consideradas negativas. Cabe perguntar, então, como se constrói esse sistema de valores que seria responsável, em última instância, pelo recalque.

Um exemplo da primeira teoria do recalque (que nesse momento mereceria ser chamado de repressão, visto seu caráter consciente) é a parábola que Freud narra nas Cinco Lições de Psicanálise, em que o “indivíduo inoportuno” que perturba a conferência (metáfora da(s) representação(ões) incompatível(is) com os valores da consciência) é expulso pelas pessoas que se encontram na sala (metáfora da consciência).

Entretanto, a experiência clínica mostra a Freud que tanto o recalque como a resistência (representada na parábola pelas cadeiras que impedem a volta do “perturbador”) são processos inconscientes. Desse ponto de vista, a “parábola da conferência interrompida” não descreve adequadamente o processo em questão.

A 2ª. tópica postula que o eu (ego) não é totalmente consciente. Os mecanismos de defesa (dos quais o principal seria o recalque [1]), que integram o ego, seriam inconscientes. Não nos damos conta nem como nem quando ocorre o recalque (e a resistência), resistência que impede (também inconscientemente) o retorno das representações recalçadas à consciência.

A 2ª. tópica postula suplementarmente que o ego sofre uma divisão, a que Freud dá o nome de superego. As funções do superego são a auto-observação, a auto-crítica (consciência moral) e o estabelecimento de ideais.

As funções de auto-observação e auto-crítica são conscientes; a escala de valores é consciente, mas a “construção” (estabelecimento, formação) dos ideais que subjazem e fundamentam a escala de valores seria inconsciente. Aos ideais subjacentes à escala de valores de cada pessoa correspondem as formas de auto-observação e auto-crítica inerentes.

Dessa forma, tanto os motivos do recalque (ideal de ego, função superegógica) como sua concretização (o recalque propriamente dito, a carga do ego), seriam processos inconscientes.

Os outros mecanismos de defesa, citados no rodapé anterior, representam as atitudes que substituem, na consciência, a(s) representação(ões) recalçada(s). Exemplo: o “mecanismo de defesa” chamado “formação reativa” descreve a presença, na consciência (no comportamento manifesto, observável), da característica oposta à que foi recalçada. Assim, certas formas de moralismo (puritanismo) podem representar a substituição do que foi recalçado (fantasias relacionadas à sexualidade e à agressividade, consideradas inaceitáveis pela escala de valores professada, associada ao ideal de ego, função atribuída ao superego).

### **a) A teoria da personalidade**

A teoria da personalidade procura responder à questão de como se “constroem” tanto o desejo (expresso pelo investimento da libido, ou seja, o interesse por objetos/situações relacionados à expectativa de prazer/desprazer) como o controle do desejo (expresso pelas regras e normas que limitariam o próprio desejo em função da percepção do desejo do outro).

Essa concepção (“construção” dos diferentes níveis da personalidade) repousa na suposição de que a personalidade (individualidade, singularidade, subjetividade) não deriva de fatores hereditários (biológicos). Aqui, as hipóteses organicistas [2] e as hipóteses psicanalíticas se confrontam diretamente.

Em sua primeira descrição da personalidade, anterior à segunda tópica (concepção derivada da filosofia ocidental, inspirada principalmente em Descartes e Kant, que atribuíam ao ser humano características eminentemente racionais, fundadas no privilégio concedido à consciência), Freud considerava o ego a sede da razão, o representante da realidade no psiquismo.

(Ou seja, o conceito de ego [eu], sempre esteve presente na teoria psicanalítica, sendo anterior à segunda tópica, e foi definido de acordo com a concepção “oficial” de personalidade da época, com base nas concepções predominantes na filosofia ocidental, ou seja, ênfase na consciência, no pensamento, na capacidade de produzir conhecimento [ciência], na razão).

Quando Freud elabora a segunda tópica, ainda há resquícios dessa concepção (que no entanto foi abalada pelo estudo da psicose, mais especificamente da esquizofrenia). A esse enfoque deve-se a metáfora de que o ego seria aquela parte do id que foi modificada pelo contato com a realidade.

A concepção de que a “realidade” (em última análise o processo educativo, as exigências sociais transmitidas pela família) criaria a instância da personalidade responsável pela consciência, pela razão, é substituída pela hipótese de que o eu (ego) deve-se aos processos de identificação.

Esse conceito, *identificação*, tem por implicação que a construção da personalidade é um processo inconsciente. É substituída assim a hipótese segundo a qual o processo educativo, consciente, seria o responsável pela construção da identidade.

Freud constata que o superego (o sistema de valores) pode diferir muito do processo educativo a que se foi submetido. Frequentemente a educação severa, caracterizada pela coerção, dá lugar a atitudes “transgressoras”, enquanto a educação permissiva não raramente resulta em auto-crítica e intolerância intensas.

Ainda que não ocorram contrastes tão marcantes entre o processo educativo consciente e a formação do superego, ainda assim os valores professados (o superego) sempre difere(m), em grau maior ou menor, daquilo a que o procedimento educativo visava. Freud é levado a postular a eficácia do nível inconsciente presente nas relações entre pais e filhos, que não somente rege o processo educativo adotado “oficialmente” mas inclusive poderia subvertê-lo.

Inicialmente a identificação é pensada enquanto processo pelo qual a subjetividade seria estruturada por assemelhação às figuras modelares [3] (geralmente representadas por pai e mãe ou substitutos), inclusive (principalmente) ao que seria inconsciente na personalidade dos modelos. O aprofundamento do conceito leva a uma descrição ligeiramente diferente, em que a identificação se daria não com pessoas (figuras parentais) e sim com as expectativas inconscientes que incidem (ou “são depositadas”) nos filhos.

A segunda tópica, ou a teoria da personalidade segundo o enfoque psicanalítico, propõe ainda uma terceira instância, o id (pronomes indeterminado latino cuja tradução em português é “isso”). Na descrição de Freud, o id corresponderia ao desejo em sua manifestação pura, ou seja, ao desejo, sem as restrições e limites que serão associadas parcialmente ao ego e fundamentalmente ao superego.

*“Abordamos o id com analogias” (...) “apreendemo-lo de nosso estudo sobre a elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos e a maior parte disso é de*

*caráter negativo e pode ser descrita somente com um contraste com o ego” (...) “aberto no extremo a influências somáticas...”*

Essa primeira descrição aproxima o “id” do orgânico, concepção segundo a qual o id representaria o biológico, assim como primeiramente o ego havia sido pensado como representante da “realidade” (social).

Entretanto, a noção de desejo, em psicanálise, é muito diferente da noção de necessidade. (A noção de desejo está associada ao prazer/desprazer, enquanto a necessidade implica em saciação [satisfação ou ausência de]).

Dessa forma, tampouco o id será definido como algo inato (o que seria de se esperar, se fosse pensado de acordo com os parâmetros da biologia).

Também o id, portanto, seria “construído”, ou seja, derivaria do processo de identificação [4]. A descrição freudiana do id aponta para características relativas à ausência de noção de tempo, ausência de contradição, ausência de valores morais, impossibilidade de aceitar restrições, impossibilidade de adiar o prazer...

Essa descrição se aplica à criança (ao bebê) antes da aquisição da linguagem (que corresponde à emergência do eu) e antes da internalização das regras. (Ainda que estas sejam transgredidas [5]). (A internalização das regras corresponde à emergência do supereu, ou superego, que pode tanto representar principalmente a proibição (fuga do objeto de desejo, ou “neurose”) ou a transgressão (dependência face ao objeto de desejo, ou “perversão”).

Desse ponto de vista, a teoria da personalidade da psicanálise (2ª. tópica) supõe uma etapização: o “id” corresponderia à posição de objeto. (Raciocínio que decorre da constatação — aliás óbvia — de que o nascimento decorre do desejo dos adultos, ou seja, das fantasias que os pais depositam no bebê).

A primeira manifestação de identidade do ser humano consistiria em ser o objeto de desejo dos responsáveis pela sua existência e sobrevivência. Essas fantasias sempre são singulares (sobre cada filho incidirão expectativas inconscientes diferentes; é o que explicaria que mesmo o comportamento dos bebês é singular, ou seja, não há dois bebês cujo comportamento seja igual, por menor que seja o “repertório” do recém-nascido).

Entretanto, todo desejo de maternidade e paternidade tem em comum a criação de uma existência, cuja primeira manifestação seria a absoluta dependência em relação ao outro. O bebê sempre vem preencher uma falta, embora essa falta se configure diferentemente em cada adulto. O “id” corresponderia a essa primeira forma de identidade, em que o bebê complementa o adulto, de quem depende e a cujas expectativas deve sua existência.

Portanto, o “id” seria como que a presença do desejo do outro [6] em nós. No primeiro momento, isso significa que o desejo do adulto é ser imprescindível para o bebê (desejo de ser imprescindível expresso sempre de maneira singular; nenhuma mãe,

nenhum pai, ou figuras substitutas, “significa(m)” a imprescindibilidade do bebê da mesma maneira).

A teoria da personalidade psicanalítica supõe, então, que a posição de objeto do desejo do outro (Outro) precede a emergência do eu, e que o eu, por sua vez (manifestação do desejo próprio, o que significa; identidade própria) precede a internalização das regras (formação do superego, processo definido como aceitação do desejo do outro — desta vez “outro” com minúscula, por tratar-se do semelhante e não do responsável pela própria existência).

Da etapa inicial de indiferenciação (que temporamente corresponderia aproximadamente à primeira metade do primeiro ano de vida) segue-se o surgimento da comunicação (aproximadamente segunda metade do primeiro ano), que corresponde à posição de objeto. A aquisição da linguagem (entre dois e três, aproximadamente) significaria a emergência do ego (primeira pessoa do singular, identidade própria, desejo) e na seqüência o processo que culminaria com o estabelecimento do superego (internalização de regras, ou seja, reconhecimento do desejo do outro), cuja culminação, em termos cronológicos, corresponde à socialização da criança (entre 5 e 7 anos, geralmente).

Essa etapização não é automática (não é inevitável). O bebê pode apresentar um quadro autista (o que significaria a permanência da indiferenciação) ou esquizofrênico (o que significaria manter-se na comunicação mas não ingressar na linguagem. No quadro esquizofrênico infantil a identidade é expressa em terceira pessoa (o bebê/criança não se designa por “eu”, o pronome da primeira pessoa do singular, referindo-se pelo nome ou apelido que lhe é dado pelos adultos).

A aquisição da linguagem corresponderia à divisão consciência / inconsciente (desse ponto de vista a segunda tópica propõe um acréscimo importante à primeira tópica). Desse ponto de vista, é como se o ego (eu) surgisse em virtude do recalque do id (isso).

A divisão consciência / inconsciente corresponde ao que é designado por Freud como recalque primário[7]. Portanto, tampouco às instâncias da primeira tópica (inconsciente/consciência) poderia ser atribuída qualquer característica biológica.

O inconsciente se caracterizaria por duas manifestações:

**1) O recalcado**

Id: posições de indiferenciação e de objeto;

Ego: “antes” do reconhecimento do desejo do outro, ou seja, ego anterior ao superego;

**2) os agentes do recalque**

Ego: mecanismos de defesa

Superego (ideal de ego).

O surto psicótico no adulto afetaria tanto o superego (na paranóia, na mania e na depressão) como o ego (na esquizofrenia). A construção da personalidade, segundo a psicanálise, não constituiria um processo definitivo e irrevogável.

---

[1] Os outros seriam: a negação, a formação reativa, o retorno contra si mesmo, a transformação no contrário, o isolamento, o deslocamento, a projeção, a idealização, a identificação ao agressor, a clivagem e a introjeção. A sublimação, considerada por alguns psicanalistas como um dos mecanismos de defesa, é justamente o oposto. Um dos melhores livros para estudar esse aspecto da teoria psicanalítica é “O ego e os mecanismos de defesa”, de Anna Freud.

[2] Adjetivo que refere a posição teórico/epistemológica segundo a qual a personalidade deriva de fatores orgânicos, total ou parcialmente. Nessa abordagem, por exemplo, a ocorrência de surtos psicóticos (mania-depressão, esquizofrenia) bem como das adições (a chamada dependência química, p.ex., alcoolismo e drogadição) é atribuída à configuração (taxa e interação) dos neurotransmissores (substâncias responsáveis pelas sinapses, isto é, pelo mecanismo subjacente à comunicação neuronal que constitui a base do funcionamento do sistema nervoso central).

[3] E assimilação das respectivas características.

[4] Seria tentador dizer que o termo “identificação” significaria “entificação” do “isso”, ou seja, organização do indefinido. Entretanto, os dicionários etimológicos apontam para o significado de “tornar-se igual a” (idem).

[5] Característica da “perversão”, em oposição à “neurose”, conflito caracterizado pela aceitação das restrições ao desejo.

[6] Lacan, teórico francês que será estudado no quarto semestre, propõe que essas expectativas inconscientes responsáveis pelo nascimento (e mais fundamentalmente pelos processos de identificação) sejam denominadas “Outro” (com O maiúsculo) para diferenciá-las do outro (dos objetos, no sentido amplo do termo) com que o sujeito se relacionará (desde que aceda à posição de sujeito).

[7] O recalque secundário decorreria do estabelecimento do superego (recalque devido à incompatibilidade entre o ideal de ego e determinadas representações).